

## UMA REFEIÇÃO COM NANETTO

---

Luan Luis Sevignani<sup>1</sup>

Carlos Eduardo Schmidt Capela<sup>2</sup>

“Nassuo in Italia e vegnudo in Mérica per catare la cuccagna”,  
mote máximo de Nanetto Pipetta.

### RESUMO:

Com a finalidade de investigar e refletir sobre modos narrativos de apresentar o emigrante italiano no sul do Brasil, em especial no que diz respeito à posição desse emigrante frente a um país em (trans)formação, este trabalho se detém sobre o primeiro romance escrito no Brasil em talian: *Nanetto Pipetta*, de Aquiles Bernardi. O trabalho, num primeiro momento, preocupa-se em elencar fatos da história da emigração italiana e em articulá-los com a ficção, produzindo pontos de contato que possibilitem criar a(s) identidade(s) do emigrante italiano na sua representação. Num segundo momento, ele se atém ao estudo da estrutura narrativa do romance, procurando discernir elementos e procedimentos textuais pelos quais emigrantes italianos são representados, emergindo daí uma série de paradoxos relativos ao sentimento limítrofe do ser nacional.

**Palavras-chave:** *Nanetto Pipetta*; Talian; Emigração italiana; Aquiles Bernardi.

### Introdução

O presente trabalho dedica-se a analisar a estrutura do primeiro romance escrito em talian (língua dos emigrantes italianos), *Vita e Storia de Nanetto Pipetta*, de Aquiles Bernardi, uma vez que, a partir dessa análise, tornar-se-á possível vislumbrar a representação do emigrante na sociedade brasileira e a sua posição frente à ideia de um ser nacional. Além disso, busca contribuir de modo sério com as poucas pesquisas voltadas à língua talian e ao emigrante italiano da Região Sul.

Desse modo, antes de tudo, torna-se necessário pensar na tradição dos emigrantes italianos da Região Sul, a partir de 1875, partindo de seus hábitos e

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Acadêmico do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Santa Catarina [sevignani.luan@yahoo.it](mailto:sevignani.luan@yahoo.it)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Santa Catarina [capela@cce.ufsc.br](mailto:capela@cce.ufsc.br)

necessidades para, posteriormente, ater-se à análise não só da linguagem, mas também da forma com que se apresenta a primeira ficção em talian – uma vez que ela é, irredutivelmente, a obra máxima que caracteriza a comunidade ítalo-brasileira no sul do Brasil. Em última análise, deter-se com afinco a esta obra significa não só contribuir para os estudos referentes à emigração, mas também ajudar a pensar a condição atual dos descendentes de italianos e da sua própria língua, que luta através da literatura (escrita e oral) e de programas de rádio para não ser esquecida.

Nessa perspectiva, parte-se de estudos anteriores que dão conta de diferentes aspectos, desde a parte histórica, social e antropológica até as poucas, porém importantes reflexões sobre *Nanetto Pipetta*, feitas principalmente por Rovílio Costa e Luis Alberto de Boni, este, também autor do prefácio às quarta, quinta e sexta edições da obra. Portanto, as contribuições anteriores são fecundas no eixo histórico/sociológico para se pensar o emigrante, no entanto rasas em questões de análise da obra em si. Desse modo, este trabalho é relevante, na medida em que parte de um momento histórico atual, no qual o talian tenta sobreviver na fala dos descendentes e na transmissão (oral e escrita) dos valores e da cultura de Nanetto, e na medida em que se apoia no discurso acadêmico que, justamente, possibilita a criação de um espaço de reflexão sobre o emigrante e sua representação na sociedade através de *Nanetto Pipetta*.

## 1 Desenvolvimento

### 1.1 Nanetto e a tradição – *Antipasto*

Estudar e ler *Nanetto Pipetta* significa manter o que gerações de emigrantes italianos partilham há quase 100 anos: a tradição culinária. É impossível que, ao ler as aventuras desse emigrante, o leitor não preste atenção principalmente no que move Nanetto e no que o faz vir ao Brasil, procurar emprego, hospedar-se na casa de pessoas desconhecidas, entre outras coisas: a fome. Ou seja, Nanetto, assim como os emigrantes italianos que buscaram a *cuccagna* no Brasil desde a Grande Emigração, é um faminto. Por conseguinte, a comida tem um papel importante na vida dos emigrantes, fato evidenciado na medida em que Nanetto reclama várias vezes por passar fome<sup>3</sup>, assim

---

<sup>3</sup> Trechos que demonstram a fome de Nanetto – Capítulo XV: “Chi sá che i me daga coalche cossa par rosegare. A darghe vitamenti lo stômego, che gá perso el fiá de suto che el ze [...]” (BERNARDI, 1980: 40); Capítulo XVIII: “Órpo! Se gaesse na fionda. Voria provare che sorte de fruti che i sípia.”

como o faziam diversos emigrantes que, anteriormente, na Itália, trabalhavam e produziam alimentos, mas não podiam comê-los, pois o governo lhes tirava em troca da moradia.

Desse modo, refletir sobre Nanetto é sentar-se com ele à mesa e discutir à luz de uma boa refeição *brasileira*. Tudo isso, é claro, obedecendo às etapas de uma refeição italiana, mas servindo-se da legítima comida brasileira, afinal, Nanetto representou essa hibridez durante toda sua vida.

A tradição gastronômica italiana tem por hábito numa refeição servir, primeiramente, o *antipasto*, que é, via de regra, o que chamamos de “entrada” ou “aperitivo” no Brasil. Entretanto, em vez de comermos presunto, muito comum na Itália até hoje, Nanetto, se vivo fosse, nos ofereceria algo que o surpreendeu no Brasil: o pinhão. A referência ao pinhão como alimento se dá em várias passagens na ficção e, historicamente, essa semente foi substancial na alimentação dos colonos recém-chegados. Eles assavam o pinhão e utilizavam o pinheiro como madeira para fazer casas, palheiros e depósitos.

Até a obra de ficção começar a ser escrita, em 1924, e, conseqüentemente, lida e conhecida pelos colonos, houve muitas dinâmicas históricas no Rio Grande do Sul no que tange à emigração italiana, cuja importância está estreitamente ligada à motivação de escrever algo que, de certo modo, fosse representativo na vida dos emigrantes. *Nanetto Pipetta* nasce, portanto, da necessidade de um registro simbólico que, ao mesmo tempo, divertisse, representasse e guiasse o emigrante, desde sua partida da Itália até sua vida difícil nos campos gaúchos.

Assim, com a Grande Emigração em 1876, data em que também, por questões políticas e econômicas, a emigração torna-se reconhecida oficialmente<sup>4</sup>, um número elevado de italianos sai de seu país tendo como destino o sul do Brasil. Contudo, durante esse processo, emerge a identificação do emigrante como ser não nacional. Sobre essa situação, Luis Alberto de Boni e Rovílio Costa escrevem:

---

(BERNARDI, 1980: 51) e “Dopo el se rampega sú par na pianta, el vardà in roda e vede solo mato... [...] El sole romai gera drio scónderse. E magnare? E dormire?!” (BERNARDI, 1980: 53); Enfim, em quase todos os capítulos há alusão à fome.

<sup>4</sup> Nesse período, a Itália passa pela Unificação tardia, na qual o capitalismo refreia a ordem agrária, sufocando os camponeses através de altos impostos e da concorrência de produtos estrangeiros. A esse respeito, ver capítulo “A Itália de 1870”, do livro *Os italianos do Rio Grande do Sul*.

“Chegando a Gênova [lugar de que os emigrantes partiam, tal qual ocorreu com Nanetto no enredo da ficção], o camponês deixava de ser alguém com determinada individualidade, com um status social, como em sua aldeia, e experimentava, talvez pela primeira vez na vida, o que significa tornar-se um simples número, perdido no meio da grande massa dos que partiam. Em um período relativamente curto, de aproximadamente dois meses, desmoronava-se o mundo do pobre agricultor colocado ante uma situação para a qual não estava preparado.” (BONI; COSTA, 1984: 95-96)

Nesse horizonte, o emigrante, bombardeado pela política publicitária de riqueza no Brasil (ou *Mérica*, como é chamado em talian), foi impulsionado a sair da Itália. O país europeu via com bons olhos o êxodo naquela época, e consoante a isso, o Brasil cada vez mais necessitava de mão de obra e de pessoas que povoassem e cultivassem as terras desabitadas da Região Sul, uma vez que, com a abolição da escravidão, os negros tornaram-se assalariados e passaram a trabalhar nas lavouras em São Paulo. Chegando ao seu destino, esperançoso pela riqueza alardeada como fácil e pela promessa de seis meses de subsídio alimentício oferecido pelo governo brasileiro, o emigrante toma um susto e percebe que, para conseguir riqueza, uma nova vida deve ser construída, voltada ao trabalho no campo e ao fortalecimento da sua cultura. Foi com essa situação que um milhão e meio de italianos, dos 17 milhões que emigraram, no período de 1860 a 1914, se depararam, ao escolher o Brasil como país em que poderiam fazer riqueza e, principalmente, saciar a fome. E é sobre toda essa situação que a obra de Aquiles Bernardi versa, ainda.

A primeira parte da refeição acabou. O pinhão servido como *antipasto*, somado a um vinho essencialmente gaúcho feito com as uvas Isabel plantadas pelos colonos, renderam à memória e à conversa um singelo resgate de uma tradição que, diariamente, se perpetua e se atualiza em cada refeição nos lares das gerações de emigrantes.

## 1.2 Nanetto e sua estrutura – *Primo piatto*

No *primo piatto* escolhido por Nanetto, certamente não pode faltar polenta, comida típica da Itália e dos emigrantes. Ela entra na narrativa de Aquiles já no começo, no quarto capítulo, e é elemento marcante, servido como o principal prato, como comida de todo dia, durante os capítulos seguintes. O vinho novamente acompanha.

A obra de ficção de Aquiles Bernardi foi distribuída pelo antigo jornal *Stafetta Riograndense*, tendo sua publicação iniciada na edição de 23 de janeiro de 1924 e finalizada em 1925. Diferentemente de um livro com uma história escrita *a priori* para depois tornar-se pública, *Nanetto Pipetta* foi sendo construído e levado aos leitores durante um ano através de um gênero cuja importância foi minuciosamente estudada por Marlyse Meyer, em *Folhetim: uma história*. O estudo feito por essa autora, apesar de demonstrar sua erudição e sua busca árdua para tentar abarcar o folhetim como gênero mais ou menos estável, volta-se à investigação da história do folhetim no Brasil, deixando de lado, contudo, o sul do país.

Em contrapartida, o estudo acurado de Meyer tem validade e pode, em alguns aspectos, ser aplicado ao tipo de estrutura utilizada em *Nanetto Pipetta*. A autora, em resumo, reflete sobre três fases em que, segundo ela, o folhetim se constituiu de modo diferente. A terceira fase do romance-folhetim data de 1871 a 1915 e vai ao encontro do momento no qual Aquiles, no Rio Grande do Sul, após duas gerações de emigrantes já estabelecidos no Brasil, escreve *Nanetto*.

Esses apontamentos, em relação ao gênero, aproximam-se ao modo como foi produzida a ficção, visto que Nanetto é um personagem extremamente tipificado, na medida em que representa uma comunidade de emigrantes, tanto em seus pastiches como em suas outras ações. Além disso, no que tange aos “diálogos vivos”, durante a leitura torna-se evidente o modo pelo qual Nanetto constrói-se e constrói o mundo através do discurso direto<sup>5</sup>.

Deixando o gênero de lado e atendo-se especialmente à língua talian, pôde-se notar que a escrita literária feita por Aquiles Bernardi segue a fala no que concerne à

---

<sup>5</sup> Nanetto Pipetta (BERNARDI, 1980: 51): “Questo el gá da éssare on álbaro [...]” e “Orpo! Se gaesse na fionda voria provare che sorte de fruti che i sípia.” [Padronizar as tradução do talian] Solilóquios como esses do capítulo XVIII, nos quais Nanetto Pipetta imagina algumas situações hipotéticas, são comuns e criam uma aproximação entre o protagonista e os leitores, ou seja, geram uma alteração de perspectiva em que o leitor não lê a história pela voz do narrador, mas sim do anti-herói.

sintaxe e às regras gramaticais. O talian possui algumas particularidades<sup>6</sup> que, talvez, sejam fruto de sua restrição lexical, que é naturalmente vista na narrativa em momentos em que o narrador conta os causos de Nanetto. Sem conseguir utilizar-se do vasto léxico que a língua portuguesa permitiria, vê-se obrigado a, frequentemente, trazer à narração onomatopeias, por exemplo – o que, por consequência, torna o narrador num contador de causos. Passagens como “Sta bruta béstia drento a salti tel mare, ciapa el bastimento par la coa, salta drento *bih, buh, bih, buh*, in serca de Nanetto” (BERNARDI, 1980: 31) ou “El me te ghe peta drento e *pratapúnfete* in terra” (BERNARDI, 1980: 45) demonstram o recurso da onomatopeia sendo usado<sup>7</sup>.

Ainda no plano da narrativa, pode-se acentuar a utilização de inclusivos por parte do narrador, como “El zera *nostro* Pipetta pronto par andare in Mérica!” (BERNARDI, 1980:19). Quando o narrador utiliza a palavra “nosso”, há claramente uma passagem de narrador onisciente neutro (que até então contava a história de um ponto de vista neutro) para um narrador onisciente intruso. O mesmo se dá quando o narrador chama Nanetto de “poareto” (pobrezinho) ou Bórtola, velha que ajuda o protagonista em alguns momentos, de “poara” (BERNARDI, 1980: 132). Contudo, não é apenas a perspectiva que muda, mas quando o narrador palpita ou emprega adjetivo para qualificar Nanetto, há uma aproximação entre o narrador e o leitor, fazendo com que o narrador mostre-se como igual na condição de emigrante.

O narrador aproxima-se do leitor não apenas palpitando ou adjetivando o protagonista, mas também quando se utiliza de comparações picarescas e partilha de algo que apenas Nanetto ou a comunidade ao qual Nanetto pertence faria. Nessas horas, o narrador demonstra que é pertencente à mesma estratificação social de Nanetto, à mesma escolaridade etc. Vê-se isso na comparação *baixa* feita pelo narrador ao equiparar Nanetto a um animalzinho: “In dô menuti le lo gá tutto bagná che el pareva on puldin” (BERNARDI, 1980:104).

---

<sup>6</sup> Repetição do pronome pessoal: No talian os pronomes pessoais são repetidos nas segunda e terceira pessoas do singular e na terceira do plural. Ex.: *Mi son* (eu sou); *Ti te si* (tu tu és); *lu el ze* (ele ele é); *nantri semo* (nós somos); *valtri sii* (vós sois); *lori l e* (eles eles são). Há também a repetição do pronome pessoal após o sujeito expresso. Ex.: *Piero el se ga comprà un auto novo*. (Pedro [ele] comprou um carro novo)” (LUZZATTO, 2000: 28);

<sup>7</sup> Para informação, a onomatopeia acontece também nas páginas 18, 20, 31, 45, 47, 49, 51, 68, 71, 73, 79, 110 e 127, o que demonstra a importância dela na comicidade da obra.

O *primo piatto* acabou deixando-nos apenas aquela fome que somente os glutões conhecem. Mesmo sabendo que amanhã terá polenta na casa de milhares de emigrantes pelo Brasil, estamos aqui, ávidos pelo *secondo piatto*. Passemos ao romance picaresco enquanto enchamos nossos copos com vinho.

### 1.3 Nanetto e o romance picaresco – *Secondo piatto*

Há uma dificuldade imensa de padronizar gêneros literários e, com o gênero picaresco, não é diferente. O que podemos ter em mente é que, em todo romance picaresco, há personagens glutões. E Nanetto, antes de tudo, é um faminto que busca vencer na vida. Portanto, para o *secondo piatto*, algo especial: batata grande cozida, servida para comer com as mãos. Talvez esse seja o alimento que Nanetto mais comeu após ter chegado ao Brasil. Havia batata em todo lugar a que Nanetto ia. E, a cada lugar que ele chegava, havia uma surpresa quanto ao tamanho dos tubérculos.

Além de ser um romance-folhetim no qual se encaixa uma história narrada em séries para determinado público, a ficção de Aquiles Bernardi adquire características de romance picaresco à medida que um certo tipo de discurso é instaurado. Em outras palavras, a construção das ações e do espaço, dentro de um tempo, por um determinado narrador, aproximando o anti-herói do leitor e do próprios narrador, corrobora a possível definição<sup>8</sup> dada por Mario González, em *O romance picaresco* (1988):

“Nós o entendemos [o romance picaresco] como sendo a *pseudo-autobiografia de um anti-herói que aparece definido como marginal à sociedade; a narração das suas aventuras é a síntese crítica do processo de tentativa de ascensão social pela trapaça; e nessa narração é traçada uma sátira da sociedade contemporânea do pícaro.*” (GONZÁLEZ, 1988: 42, grifos do autor)

Com efeito, *Nanetto Pipetta* detém todas essas características e muitas outras, que fazem dessa obra uma rica representação do emigrante, além de um importante

---

<sup>8</sup> Essa definição é dada pelo autor como um conceito não fechado, podendo ser aplicado a todos os romances picarescos, com uma ressalva (2008: 42): “a evolução da linguagem narrativa levará a que nem sempre seja mantida a forma autobiográfica [caso de *Nanetto Pipetta*] que, muitas vezes, poderá ser substituída por outros recursos narrativos, sem que isto leve a rejeitar o caráter picaresco.”

meio de entretenimento. Nanetto é marginal tanto na sociedade italiana do final do século XX, na qual o governo via o pequeno agricultor como um grande problema que precisava ser repellido do país, quanto no Brasil, onde o sul, naquela época, além de estar geograficamente situado no “ponto baixo” do mapa, era praticamente deixado de lado pelo governo brasileiro.

Nanetto Pipetta encarna a figura do pícaro à medida que, a cada capítulo, consegue sobreviver em meio às dificuldades através de ardis e logros. Contudo, uma das características do romance picaresco é possuir, segundo Angel Valbuena Prat (1986:35), uma “sátira social”. Em i, essa sátira apresenta-se ao longo da história da vida do protagonista, até acabar com uma morte precoce, antes mesmo de ele alcançar a riqueza, a qual tanto almejava após sair da Itália. E a sátira é exatamente esta: mostrar de modo cômico, divertido e irreverente o quão triste e dificultoso foi para os emigrantes ter de vir ao Brasil e recomeçar “do zero”, encontrando apenas uma imensidão verde. Aquiles soube fazer uma profunda análise social da realidade dos colonos (que era a sua também, como filho da primeira geração de emigrantes) sem, no entanto, se omitir em análises jornalísticas de cunho quantitativo.

À margem da História e do discurso hegemônico, assim como Nanetto e os emigrantes italianos de um modo geral, estavam os personagens de Rabelais, analisados por Mikhail Bakhtin em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, cujo estudo dá conta de explicar o discurso pelo qual é trespassada a história de *Nanetto Pipetta*.

No capítulo sexto, “O ’baixo” material e corporal em Rabelais<sup>9</sup>, Bakhtin (1993) reflete acerca de uma importante característica rabelaisiana que, de certo modo, é incorporada em *Nanetto*: a representação da sociedade através do *baixo*, ou seja, através de uma orientação para tudo que está à margem, tal como “a *alegria popular*, no *realismo grotesco*, onde o *avesso* adquire tamanha importância que, na representação de coisas *sagradas e elevadas*, há uma reinterpretação dessas, conseqüentemente, criando um movimento contrário, onde o baixo é tido como alto e representativo” (BAKHTIN, 1993: 325, grifos do autor).

---

<sup>9</sup> Nesse texto, Bakhtin (1993) aplica à estilística rabelaisiana o famoso conceito de *Carnavalização*, bem como a *Lógica da inversão*.

Esse mesmo movimento encontrado em *Nanetto Pipetta* é apontado categoricamente por Bakhtin (1993: 325) na figura do *bufão*, no qual “todos os atributos reais estão subvertidos, intervertidos, o alto no lugar do baixo: o bufão é o rei do ‘mundo às avessas’”. Do mesmo modo, Nanetto é um rei às avessas, um tipo representativo de uma comunidade marginalizada que se desenvolve no baixo. Esses foram os recursos de estilo que Aquiles Bernardi se utilizou para escrever *Nanetto*.

No que concerne à estrutura como característica de estilo (tempo, espaço, narrador, personagem, plano da história e do discurso etc.), em *Nanetto Pipetta*, o plano da história da narrativa, ou seja, o enredo da ficção, não é senão, *a priori*, a história das dificuldades da vinda dos emigrantes italianos para o Brasil, cujo plano do discurso é narrado por um narrador onisciente.

Assim sendo, o enredo tem como foco narrativo um emigrante que, observando as dificuldades enfrentadas pela família e ouvindo as histórias de riqueza fácil no Brasil, decide, sem muita consciência disso, partir para esse país a fim de fazer riqueza<sup>10</sup> para, depois, voltar à Itália e propiciar aos familiares a vida tranquila que, na Itália, naquele momento, não havia. Dentre outros eventos, Nanetto, à ventura de sua própria condição picaresca, consegue embarcar, no Porto de Gênova, rumo ao Brasil. Depois de ser protagonista de várias confusões e de ficar preso durante a viagem por estar sem passaporte, consegue libertar-se com ajuda de um nativo e nada em direção à mata brasileira, chegando ao país. . A partir daí, as aventuras e imprevistos de um emigrante rocambolesco começam, ficando evidente como Nanetto e outros emigrantes que ele representa estava(m) despreparado(s) para começar uma vida “do zero”.

Em última análise, o narrador é essencialmente onisciente, pois conta a história de cima, isto é, narra a vida de Nanetto com plena sapiência, apesar de sobrepor à onisciência algumas falhas e esquecimentos (que em vez de criar um efeito de não onipotência, ressaltam ainda mais a caracterização do narrador como um emigrante). Entretanto, sua função ultrapassa o ato de indicar e caracterizar Nanetto, ou seja, além de apresentá-lo ao mundo, dá voz ao anti-herói, pois intervém após os diálogos, guiando o leitor. A estrutura, então, em cada capítulo – num total de 56 capítulos, mais um apêndice –, gira em torno de uma pequena apresentação do espaço, seguida, às vezes, de algum comentário; também há a apresentação das pessoas com quem Nanetto

---

<sup>10</sup> Fazer riqueza aqui é sinônimo de *catare la cuccagna*.

conversará e de algumas peripécias de Nanetto. O plano das ações fica por conta dos diálogos que expõem, de certa maneira, o personagem na relação com outros e com o mundo. O final, como ocorre normalmente nesse gênero, tem um caráter de continuação.

O tempo na ficção é importante, pois, como o enredo dá conta da história de vida de um emigrante, o sentido de um tempo *chronos* está intimamente ligado ao passar dos anos da vida do anti-herói. É por meio do tempo, sempre demarcado pelo narrador, que o leitor pode situar Nanetto na história e perceber as leves mudanças na fala do anti-herói após ter contato com a língua portuguesa. Dito de outro modo, o tempo psicológico acompanha o tempo cronológico durante a ficção.

O espaço na narrativa tem a propriedade de situar o leitor, esclarecendo onde a história acontece, bem como apresentando as características físicas e geográficas dos terrenos. Desse modo, torna-se possível imaginar não só as dificuldades de Nanetto nos matos virgens do Rio Grande do Sul, mas também as dificuldades dos emigrantes que ele representa.

“Ao vencedor, as batatas”, diria Machado de Assis, se o pequeno Pipetta fosse vencedor. Entretanto, será mesmo que a famosa frase machadiana seria representada às avessas em Nanetto? Para compreender melhor como o anti-herói subverte paradigmas e torna-se o espelho de gerações de emigrantes, é necessário adentrar mais um pouco à história da vida de Nanetto, porém dando ênfase ao que ele mais desejava encontrar no Brasil: a *cuccagna*. Para tal, recolhamos o *secondo piatto* e o vinho, e sirvamos o *dolce*.

#### 1.4 Nanetto e a *cuccagna* – *Dolci*

Para cumprir o penúltimo ritual à mesa, Nanetto escolheria como doce um *dolce di zucca*, isto é, um doce de abóbora, uma vez que ele tem estreita ligação com abóboras. O segundo capítulo de *Nanetto Pipetta* chama-se “Non c’è sale in zucca”, ou seja, “não há sal na abóbora”. Contudo, para além de uma tradução literal, que não nos diria nada, essa assertiva em tom profético, dita pelo padre que o batizou, quer dizer, entre outras coisas, que “Nanetto não possui nada na cabeça (é acéfalo), portanto está destinado ao fracasso”. “Não ter sal na abóbora”, para um vêneto, é estar à revelia na vida, é, na *vox populi*, o que chamamos “não ter nada na cabeça” (ser um camarão). Não

obstante, Nanetto, mesmo “não tendo sal na abóbora”, opta, sempre às avessas, pelo açúcar e, assim, nos propicia esse doce de abóbora enquanto falamos de *cuccagna*.

A ideia de *cuccagna* surgiu no início do século XIII através de um conto em versos escrito em francês. A partir daí, esse domínio do imaginário foi adquirindo significações. Para o dicionário *online* do jornal italiano *Corriere della Sera*, *cuccagna* quer dizer “Nome di un immaginario paese dell’abondanza” ou “copiosità di beni unita a piacevolezza del vivere”<sup>11</sup>, isto é, “abundância de bens unidos ao prazer de viver”. Essa acepção não difere muito da que o historiador Jacques Le Goff (2009:146) apresenta sobre a *cuccagna*:

“[...] o termo, surgido em francês (*Cocagne*), logo é traduzido em inglês, *Cokayne* ou *Cockaigne*, em italiano, *Cuccagna*, e, em espanhol, *Cucaña*. Os alemães adotam uma outra palavra cuja origem também é obscura: *Schlaraffenland*. O conto de Cocanha do século XIII contém duzentos versos octossílabos e conta a história da viagem do autor em um país imaginário. Este autor, anônimo, empreende a tal viagem como uma penitência que lhe é imposta pelo papa.”

*Grosso modo*, na formulação feita por Le Goff (2009), há dois pontos de contato com *Nanetto Pipetta*: o primeiro deles é o fato de o conto da *cuccagna* contar a história da viagem do autor em um país imaginário, uma vez que Nanetto, movido pelo incentivo propagandístico do governo italiano a viver no Brasil e, por consequência, pela aspiração à riqueza e à “vida mansa” que essas propagandas sugeriam, Pipetta veio ao Brasil imaginando encontrar o país da *cuccagna* – tanto é verdade, que é difícil não se lembrar de seu “mote-mor”: “Nassuo in Italia e vegnudo in Mérica per catare la *cuccagna*” – ; o segundo ponto que tangencia a ficção de Nanetto, estabelecendo novamente uma semelhança entre os enredos, é o fato de os dois protagonistas empreenderem suas viagens como penitência: se de um lado, no conto da *cuccagna*, o autor foi ao país imaginário por causa de uma Ordem papal, em Nanetto, de outro lado,

---

<sup>11</sup> Disponível em: [http://dizionari.corriere.it/dizionario\\_italiano/C/cuccagna.shtml](http://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/C/cuccagna.shtml) (acessado em 29/08/2013).

essa ordem poderia ser entendida como um estímulo indireto do governo italiano (através das propagandas, o que levou não só Nanetto imaginar o Brasil como país da cocanha, mas todos os emigrantes que aqui aportaram) e de ameaças feitas pelo seu pai, que, não aguentando suas peraltices, dizia (BERNARDI, 1980:16) “Na qual volta te mando in Mérica<sup>12</sup>”. Esse tipo de advertência paterna, em tom vexatório, é muito comum na fala dos emigrantes quando há uma reclamação familiar e, de certo modo, impulsionou Nanetto a imaginar o Brasil como um país que lhe traria bons frutos e riqueza fácil, diferentemente da situação precária em que vivia na Itália<sup>13</sup>.

Por conseguinte, Nanetto não alcança a cocanha, mas deixa aberta essa possibilidade para outros que, assim como ele (emigrantes e gerações que se sucedem), quando se deparam com dificuldades, levam-nas ao limite do cômico, ironizando-as, mas sempre tentando reafirmar-se diante das intempéries e demonstrando a força e potencialidade de um ser fadado ao entremeio: o emigrante.

Nesse momento, quitados pelo prazer de mais uma história ao lado de Nanetto Pipetta e principalmente pelo banquete intercultural, acaba aqui mais um encontro com o maior representante talian do Brasil. Contudo, não sem antes aceder ao digestivo.

### **Conclusões – *Digestivi: caffè o grappa?***

Como parte do ritual à mesa que se faz há anos na Itália (e que se faz no Brasil sem o peso da palavra “ritual”), após a refeição há a alternativa, para uma melhor digestão, de se escolher entre um café ou uma graspa (*grappa*, em italiano). Talvez um emigrante de São Paulo, até pela proximidade com a bebida, tenderia ao café, porém nosso Nanetto, para brindar o fim de mais uma refeição, oferece-nos a graspa, uma aguardente fabricada pela destilação do bagaço de uvas, que fez e ainda faz parte da mesa de todo ser (trans)nacional.

Sendo assim, conclui-se que a história presente no discurso hegemônico, a qual, às vezes, encobre ou sobrepõe eventos em detrimento de outros, pode ser revista e (re)significada por meio da literatura, cuja importância, quando refletida junto ao discurso científico, torna-se potencializada em favor das representações silenciadas e

---

<sup>12</sup> “Qualquer hora te mando pra Mérica (Brasil)”, tradução nossa.

<sup>13</sup> Opinião de Nanetto sobre o Brasil como país da cocanha: “La Mérica .... che tante volte el gaveva sogná.... La Mérica? ... el paese delle cuccagne ! .... el paese dei divertimenti, el paese de la luna sempre piena, el paese insomma de tutti i beni!...” (BERNARDI, 1980:37).

marginalizadas. Esse processo resulta, em última análise, numa nova relação entre sujeito (pesquisador) e seu objeto.

Para finalizar, gostaríamos de que ficasse registrada nessas linhas a ideia de que, talvez, a maior virtude de Aquiles Bernardi como escritor seja a de consolidar, assim como Dante, o fato de que a verdadeira comédia está na tragédia, bem como a verdadeira língua está na popular. Fábulas como as de Nanetto e as dos emigrantes em geral nunca acabam, apenas dão lugar a outras. Portanto, utilizamo-nos de uma fórmula canônica na Itália do século XX, para finalizar o conto de fábulas:

Stretta è la foglia  
E larga è la via.  
Dite la vostra  
Chè ho detto la mia<sup>14</sup>.

## Referências

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BERNARDI, A. **Nanetto Pipetta**. Porto Alegre: Escola de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul: Correio Rio-grandense, 1980.

BONI, L. A.; COSTA, R. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1984.

GONZÁLEZ, M. **O romance picaresco**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

LE GOFF, J. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Tradução de Stephania Matousek. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

LUZZATTO, D. L. **Dicionário talian-português**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

MEYER, M. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VALBUENA PRAT, A. **La novela picaresca** (tomo I). Madrid: Aguilar S. A. de Ediciones, 1986.

---

<sup>14</sup> Estreita é a folha/ largo é o caminho/ Dizei a vossa (história, opinião)/ Pois eu já disse a minha.

<http://www.esteditora.com.br/correio/4869/4869.htm> (acessado em 04/05/2013).

[http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=texto&tipo=texto&con\\_codigo=17732](http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=texto&tipo=texto&con_codigo=17732) (acessado em 04/05/2013).